

IRMÃS DE FÉ: TRADIÇÃO E TURISMO NO RECÔNCAVO BAIANO

Armando Alexandre Castro¹

Resumo: O presente artigo analisa o processo de turistização da Irmandade da Boa Morte e sua Festa, a partir da década de 1970, na cidade de Cachoeira, Bahia. Tendo como aporte referencial o binômio tradição e modernidade, apresenta as conexões socioculturais nacionais e internacionais implementadas pela Confraria secular de senhoras negras.

Palavras-chave: cultura, tradição, turismo, Irmandade e Recôncavo.

INTRODUÇÃO – A IRMANDADE

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, ou Irmandade da Boa Morte, está entre as confrarias mais antigas do país, tendo surgido nas primeiras décadas do século XIX, possivelmente por volta de 1820, nas proximidades da Barroquinha, em Salvador (TAVARES, 1964, p.235), de onde, anos mais tarde, migrou para Cachoeira.

Observa-se alguma especulação e divergência quanto à história da Irmandade da Boa Morte, principalmente em virtude de alguns fatores contributivos para com a escassez de documentos desta. Dentre eles, a própria trajetória de perseguição, a ausência de uma sede até 1995, além de furtos e perdas de documentos e pertences.

A Irmandade da Boa Morte se caracteriza pela Devoção à Nossa Senhora da Boa Morte, da Assunção ou da Glória. Essa tradição devocional do cristianismo católico foi trazida para o Brasil pelos portugueses ainda nos primeiros séculos de colonização. A *Assunção* ou *Dormição* corresponde ao fenômeno da transcendência, da elevação espiritual de Nossa Senhora. Tal fato a protegeu de alguns inconvenientes reservados aos mortais, como as fases de decomposição e putrefação do corpo. Eis o argumento católico para as festividades da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

Atualmente, a Irmandade da Boa Morte é composta por 22 senhoras negras que circulam livremente e, com muita naturalidade, no mundo religioso católico e no mundo religioso do Candomblé. O envolvimento das irmãs com a religiosidade afro-brasileira pode ser facilmente compreendido por quem adentra a sede da Irmandade da Boa Morte e encontra em uma das paredes um quadro com a seguinte (auto) definição: “Organização privativa de mulheres com vínculos étnicos, religiosos e sociais, também unidas por parentescos consanguíneos ou de fé, deixando fluir a maneira afro-brasileira de crer”.

Desde a fundação da Irmandade, para ser uma irmã da Boa Morte, deve-se seguir alguns preceitos e pré-requisitos. Assim como no candomblé, a senhoridade é um deles. A candidata à irmã, para ser admitida, deve ter acima de 40/50 anos, pois, além da experiência já adquirida, já não goza de tantos desejos carnis que possam ‘manchar’ a sua integridade e bom relacionamento com Nossa Senhora. Raul Lody (1981, p. 10) já afirmava que “... já velhas, viúvas ou sem nenhum outro interesse material, diria sexual, podem consagrar com maior força sua devoção de irmãs, como um verdadeiro voto casto de religiosidade”.

¹ Professor da Universidade Católica do Salvador; Mestre em Cultura e Turismo (UESC-UFBA) e Especialista em História Social e Educação. Autor do livro *Irmãs de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano*, onde descreve todo o processo de intervenção e turistização da Irmandade da Boa Morte e sua festa, ocorrido a partir de 1970. E-mail: armandocastro5@yahoo.com.br.

Afinal de contas, quem são estas senhoras? São comerciantes, aposentadas da indústria fumageira, mães-de-santo, prestadoras de serviços, enfim, as irmãs não têm sua sobrevivência somente garantida pela fé e devoção à Nossa Senhora da Boa Morte.

As irmãs, com muita desenvoltura, freqüentam rituais correspondentes às duas religiões. A devoção à Nossa Senhora da Boa Morte e sua Assunção aos Céus convive com a participação no culto aos Orixás. Sem mostrar grande concernimento no que se refere a dogmas ou preceitos e preconceitos, a Irmandade construiu sua história devidamente amparada na dupla pertença. O antropólogo Vilson Caetano (2001, p. 86) afirma que:

Ou os africanos anteciparam o que é explicado por alguns autores como uma característica do chamado mundo moderno, que invade aos poucos as religiões, ou os modelos religiosos tornaram-se inautênticos. Verdade é que a dupla pertença surge sempre para desmascarar e ameaçar os modelos religiosos universais e totalizantes.

Esta religiosidade híbrida é, aliás, um dos requisitos para a aceitação na Irmandade da Boa Morte. Algumas irmãs são yalorixás, como é o caso de Anália da Paz Santos Leite, responsável pelo terreiro *Ilê Oyó Ibessê Alaketu*, localizado no município baiano de Governador Mangabeira.

D. Filinha, com 101 anos de idade e aproximadamente 60 de Irmandade, com muita simplicidade, esclarece o seu duplo pertencimento religioso: "... são duas obrigações separadas. Em agosto, trabalho para Nossa Senhora e três vezes no ano, em 25 de outubro, no mês de janeiro e no 2 de julho, faço as festas do meu candomblé".

Os aspectos tradicionais na Irmandade da Boa Morte, normalmente relacionados com a vivência do negro na Bahia, sensibilizam não somente pelo aspecto iconográfico, visual, mas pelo que de origem do patrimônio histórico-cultural e simbólico ele consegue representar.

Se, para grande parte dos ocidentais, os assuntos relacionados à morte são temidos, na visão Yorubá, a morte é configurada como episódio de (re)ligação entre dois mundos: o Aiyê e o Orum. O Aiyê é o mundo humano, materializado, sentido, concreto e tocável, onde a natureza, os seres são produzidos e fiscalizados. Já o Orum está reservado para o intocável, ilimitado, transcendente, espaço dos Orixás e eguns. Estes dois níveis se complementam, e juntos produzem a harmonia necessária ao ato de existir. Berkenbrock (2002, p. 206) afirma que "(...) Na relação entre os dois níveis, o Orum tem a primazia sobre o Aiyê. O Orum tem a condução, é ele que deve ser obedecido. Por isso a busca pelo equilíbrio é tarefa constante do Aiyê".

Desta forma, o Candomblé aparece como elemento de (re)ligação entre as duas formas de (co)existir. Intermediário, necessário e justo pacificador dos estados de ânimo humano. A mitologia africana encontra no mito criacional de Obatalá (PRANDI, 2001), a explicação para o festejo do episódio morte como elemento de reencontro do homem com o orixá, do Aiyê com o Orum.

Enfim, a morte aparece como o grande elemento de (re)ligação entre estes dois mundos. Etapa necessária para chegada ao Orum – território consagrado aos Deuses e Orixás – à eternidade, paz, justiça e clarividência. Motivo para cerimônia.

No cronograma da Festa da Irmandade da Boa Morte (Tabela 1), os três ritos fundamentais estão organizados nos três primeiros dias, respeitando e seguindo a tradição deixada pelas irmãs que fundaram a Irmandade.

TABELA 01. CRONOGRAMA E RITOS DA FESTA DA BOA MORTE

Cronograma	Rito	Significado	Atividade(s)	Música	Ceia
Primeiro dia	Primeiro	Morte de Nossa Senhora	Sentinela, Missa, Procissão e Ceia	Religiosa	Ceia Branca
Segundo dia	Segundo	Enterro	Missa e Procissão	Religiosa	-----
Terceiro dia	Terceiro	Assunção e Glória	Missa, Procissão, Ceia e Samba-de-Roda	Religiosa, Valsa e Samba-de-Roda	Feijoada
Quarto dia	Não há	Festa	Samba-de-Roda e ceia	Samba-de-Roda	Cozido
Quinto dia	Não há	Festa	Samba-de-Roda e Ceia	Samba-de-Roda	Caruru e Mungunzá

Fonte: Irmandade da Boa Morte

A MEMÓRIA E A HISTÓRIA ORAL

Ícone da força e prestígio do negro na atualidade, a Boa Morte também se destaca pela organização social e hierárquica. Assim como no candomblé, a senhoria é o grande princípio norteador de sua disposição interna. Somente as irmãs mais velhas dentro do grupo são as responsáveis pelos segredos da instituição, e a transmissão destes só acontece via oralidade e mediante longo aprendizado junto às demais componentes do grupo.

A história oral - resultante da ligação entre a memória e a identidade social -, é relevante no que se remete aos estudos acerca da Irmandade da Boa Morte. Ao passo em que é escassa a documentação sobre a Confraria, as irmãs, principalmente as mais antigas, se constituem como fontes solícitas e generosas. Seus depoimentos, lembranças e esquecimentos, suas histórias de vida relacionadas à Boa Morte se delineararam e configuraram como documentação ímpar.

Individual ou coletiva, a memória é elemento inseparável do sentimento de pertença e identidade. Como fenômeno construído, é resultado de um processo de organização mental inclusivo e exclusivo. Neste sentido, a memória como agente documental alinha-se em instâncias igualitárias às outras formas de registro. O que não seria construído, então? A restrição que se deve fazer é que a memória não é aspecto suficiente para criar essencialismos, falsas autenticidades e militâncias quase sempre limitantes.

No sentido de que a fonte oral pode ser comparada à fonte escrita, o sociólogo austríaco Michel Pollak (1992, p. 08) inscreve que “se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é [...]. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária”. Sendo assim, as lembranças das negras senhoras da Boa Morte se apresentam como documento hábil na (re)construção e preenchimento de parte das lacunas historiográficas existentes.

INTERVENÇÃO

A Irmandade da Boa Morte adentrou a década de 1970 com um quadro reduzido de irmãs, segundo historiadores como Nascimento (1998) e relatos de membros da própria Irmandade². Outros problemas, à época, também preocupavam as irmãs, como a carência de uma sede própria, o que obrigava as irmãs a alugarem um imóvel no período da festa, bem como a falta de recursos para a realização dos festejos.

A abundante participação de irmãs de outrora pode ser percebida no animado relato de Odorico Tavares sobre a presença das “pretas baianas” de Cachoeira no aniversário da cidade de Salvador:

² Segundo algumas irmãs, a Boa Morte já chegou a ter 200 irmãs – fato não comprovado por documentos.

Quem assistiu ao belo desfile com que a capital baiana comemorou o seu quarto centenário, em março de 1949, não pôde deixar de empolgar-se com o quadro magnífico do seu fecho de mais alta dramaticidade: um grupo **soberbo** de pretas baianas, de idade avançada, caminhando serena e nobremente, como se fossem autênticas rainhas. Foi um grande momento, talvez o maior do belo cortejo, vê-las nas suas vestimentas características, seus torsos, suas saias rendadas, suas jóias, seus grandes cordões e brincos de ouro, desfilando pelas ruas engalanadas da cidade. Esta nobreza e dignidade que se encontram nas velhas pretas baianas, ali estavam **no maior conjunto que já se pôde conseguir**, em nossos tempos. E de toda parte explodiam entusiásticos aplausos: aplausos de cerca de oitenta mil pessoas que acorreram às ruas da capital. (TAVARES, 1964, p. 221, grifos nossos).

A partir desse fragmento de texto, pode-se verificar também que a relação das irmãs com o poder oficial, governamental, não se restringe à atualidade. Entretanto, o convite do governador Otávio Mangabeira, em 1949, segundo relatos das irmãs mais antigas, não ofereceu desdobramentos favoráveis à Irmandade. Entusiasmo, aplausos, capítulo de livro, nada disto afastou a Boa Morte de suas dificuldades em Cachoeira.

Através da segmentação de mercado, a Bahiaturisa vem inserindo a Festa da Boa Morte dentro das ações direcionadas para o turismo étnico, principalmente de origem afro-americana. Recentemente, através da “Missão Avocet”, vem negociando um contrato de risco com o grupo americano de comunicação e entretenimento étnico-cultural Avocet. Sobre esta iniciativa, a Sra. Sônia Bastos afirmou que, em entrevista concedida no dia 05 de fevereiro de 2005, “o objetivo é fortalecer e dinamizar esse mercado, utilizando-se de documentários e filmes da Festa da Boa Morte, gerando mídia espontânea, cujo conteúdo complementar o esforço promocional”.

Dentre os artistas, personalidades e amigos que lhe disponibilizaram apoio nestas últimas décadas, destaque para Jorge Amado, Adenor Gondim, Emanuel Araújo, Antônio Carlos Magalhães, Antônio Moraes Ribeiro, Jimmy Lee, Dra. Celina Sala, Bárbara King, Francisco Weffort, Carlinhos Brown, Virgínia Rodrigues, Carlinhos Cor das Águas, Jussara Silveira, Luiz Melodia – estes cinco últimos participaram do show em prol da Boa Morte, realizado na Concha Acústica, em 1995.

O TURISMO

Da década de 1970 aos dias atuais, o planejamento e o gerenciamento da atividade turística no Estado da Bahia tem se aproveitado destas “territorialidades” tradicionais como formas de revitalização econômica de algumas comunidades e eventos, mediante exposição midiática, visando o consumo do espaço pela atividade turística. Para tanto, a emblemática e a publicização passam a ser etapas constantes.

As obras de artistas e intelectuais como Jorge Amado, Pierre Verger, Carybé, Hansen Bahia, Dorival Caymmi – que retrataram parte dos aspectos simbólicos desta Bahia afro-descendente, mestiça – foram fundamentais neste novo processo de narrativa étnica-publicitária-estratégica do Estado. Assim como os romances e personagens de Jorge Amado “passeiam pelo mundo” convidando novos turistas (SIMÕES, 2001), a música e a imagem do percussionista do Olodum – quase sempre afro-descendente –, as fotografias e história da Irmandade da Boa Morte ultrapassam as fronteiras nacionais, realçando e reforçando a imagem de uma Bahia negra, com amplo patrimônio histórico-cultural-étnico a ser contemplado e experimentado. É a “modernidade ambivalente” que pode utilizar elementos tão díspares e distantes como o tradicionalismo e o novo, em seu amplo repertório de captação de divisas.

Os esforços governamentais, no caso da turistização da festa da Irmandade da Boa Morte, configuram a concepção de intervenção aportada pelos governantes: a refuncionalização do Recôncavo baiano, pela via do turismo como fator de desenvolvimento local, e tendo como fatores motivacionais de deslocamento a história e as manifestações sócio-culturais.

Em março de 2004, representantes do *Cluster de Cultura, Turismo e Entretenimento* do Estado da Bahia desembarcaram em Nova York, com a missão de “firmar parcerias” e “estreitar contatos” que contribuam para que Salvador se torne um importante destino do turismo afro-americano. Nesta ocasião, foi assinado um acordo que estabelece a criação de um vôo charter semanal – aproximadamente 300 turistas afro-americanos. Segundo a Avocet³ – empresa norte-americana de turismo e entretenimento étnico-cultural – “(...) durante o primeiro ano de operação, com vôos partindo de Nova York, a receita local prevista para a Bahia será de US\$8,3 milhões⁴.

A estratégia estadual de segmentação turística direcionada aos afro-americanos, via turismo étnico, apresenta argumentos convincentes, uma vez que estes representam 13% da população dos Estados Unidos com poder de compra estimado em US\$ 740 bilhões – valor que supera o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil⁵.

Sendo assim, baseado na análise dos dados coletados, os tipos de turistas que mais frequentaram a Festa da Irmandade da Boa Morte, ano 2004, foram aqueles relacionados ao Turismo Cultural, onde puderam ser micro-segmentados em Turismo Histórico, Turismo Étnico, Turismo Científico, Turismo Religioso e o Turismo de Diversão.

De vigor internacionalmente reconhecido, a Festa da Boa Morte corrobora com a inscrição de um produto ainda maior – o produto Bahia –, na indústria turística global. Entretanto, pôde-se perceber que tanto a Irmandade da Boa Morte como sua dinâmica aqui investigada carecem de “acompanhamento” profissional que, antes de publicizá-la, pudesse compreendê-la, a fim de melhor situá-la perante suas necessidades e sua relevância sócio-histórico-cultural. As necessidades da Irmandade secular de mulheres negras de Cachoeira vão além de recursos financeiros.

REFERÊNCIAS

BERKENBROCK, Volney. A Festa nas religiões Afro-brasileiras. In: PASSOS, Mauro (org.). **A Festa na Vida – Significado e Imagens**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

CAETANO, Vilson. **Roda o balaio na porta da igreja, minha filha, que o santo é de candomblé: os diferentes sentidos do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador**. 2001. Tese (Doutorado), Ciências Sociais, PUC, São Paulo, 2001.

CASTRO, Armando. **Irmãs de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006. No prelo.

LODY, Raul. **Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte: pesquisa sócio-religiosa**. Rio de Janeiro: Altiva Gráfica e Editora Ltda, 1981.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

³ Empresa do grupo norte-americano COS Media, Inc., responsável pela revista dirigida ao público afro-americano “Essence” – publicação que aborda o estilo de vida das mulheres afro-americanas e possui mais de 7,5 milhões de leitores.

⁴ Fonte: www.businessguide.com.br, acesso em 23/01/2005.

⁵ Fonte: Jornal A TARDE, em 08/05/2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1992.

TAVARES, Odorico. **Bahia - imagens da terra e do povo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.